

Aspectos da ocupação da Região Central do Brasil: cultura, diferenças e construções históricas

*Luiz Carlos do Carmo*¹

Resumo

Este artigo discute elementos da ocupação da região Central do Brasil e a forma como o conjunto de homens e mulheres negros foi deixado de lado do registro histórico desse processo. As diferentes formas de construção do processo histórico delineiam importantes formas de participação e atuação numa sociedade.

Palavras-chave: memória; cultura; ocupação.

Abstract

This article discusses occupation elements of the Central Region of Brazil and the way afro descendent men and women were left out of this historical process. The different forms of building the historical process outline important forms of participation and acting in a society.

Keywords: memory; culture; occupation.

¹ Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão – GO, e-mail: lzcarmo.lz@gmail.com

Em linhas gerais, pode se apontar que o movimento de parte da Europa conhecido como Renascimento foi importante, dentre tantos motivos, por anteceder a “Era da Razão” e o seu esforço para posicionar o homem por meio da lógica filosófica vencedora no centro dos determinantes da sociedade. Em compasso com esta nova condição de organização das ações e do pensamento que descredenciava parte das antigas formulações de vida pautadas, de modo especial, pelo crivo religioso, pela dinâmica econômica restrita, pelas pequenas e poucas distâncias percorridas, as relações sociais experimentaram o surgimento de uma proposta de organização que não dialogava bem com as diferenças históricas, as distintas lógicas culturais que emanavam das constantes interações entre os múltiplos e distintos grupos populacionais.

Com os avanços tecnológicos, as novas disposições comerciais, as novas lógicas de organização dos espaços, dentre inúmeros outros elementos, desenhavam uma nova forma de se compreender o mundo, e cada vez mais, perfaziam uma possível sociedade contínua, com poucos espaços para isolamentos e disposições eremitas.

As grandes aproximações humanas tornaram-se um fato, as antigas distâncias, intransponíveis ao grande grupo de não aventureiros, muitas vezes até mesmo à força do pensamento do sujeito comum, transformam-se em rotas e rotinas de grupos com uma lógica exploratória nova.

Do inédito quadro social anterior,

variadas são as tentativas de explicação dos novos e impactantes conjuntos sociais que se formara, e dos desdobramentos de sua nova condição. A hábil construção de unidades territoriais, com suposta igualdade de condição e obrigatoriamente responsável pelo ordenamento da força e disposições internas assumiu perfis próprios. A capacidade de abrigar grupos populacionais diversos sob a forma de Estados Nacionais e o percurso que perfazem ao logo do tempo inserem nas análises uma nova figura, que se instala e encerra uma disposição de organização como poucas vezes se viu na história da humanidade.²

Para além da descoberta, a sociedade brasileira experimenta sua imersão nas grandes relações comerciais, sociais e culturais com o continente europeu de forma bem pensada e clara. Pós descoberta, com o passar dos anos, a relação pautada pela irrestrita colônia *versus* metrópole é modificada, e ao mesmo tempo mantida, e há que se acrescentar que o novo desenho interno do velho continente, os arranjos políticos, os processos sucessórios, as crises acarretam implicações sérias para as colônias portuguesas. Em terras brasileiras o interesse se modifica e a força da atuação de grupos portugueses, ingleses, flamengos, venezianos, e castelhanos impõe novos desafios às lógicas de organização da sociedade que se forma. Por sua vez, ao

² Aqui podem ser listadas as obras e as participações políticas de autores que vão desde Descartes, Thomas Hobbes, Rosseau até Malthus, dentre inúmeros outros.

lado do processo de ocupação do território brasileiro, são disparados elementos que impactam os exercícios interpretativos da realidade social que se estabelecia e o legado de suas formulações deixa ver a maneira como atuavam politicamente.

No tocante à questão de grupos humanos que receberam tratamento hierarquizador num momento em que se pensou, em algumas partes da Europa, sobre a igualdade dos indivíduos, destaca-se a forma como as populações negras africanas experimentaram a condição de seres escravizados e mais um “deslocamento de sua terra”. Em relação ao longo e pouco conhecido processo de deslocamento de populações africanas para outras partes do mundo, de acordo com Carlos Moore, há mais de mil e trezentos anos que homens e mulheres do continente africano vieram sendo alvo de todo tipo de tráfico de seres humanos. Esse conjunto de ações ocorre

em função da também ampla participação de uma parcela das elites dominantes africanas. Havia rotas de tráfico de escravos tradicionais e históricas: através do Saara, pela parte Ocidental: através do eixo Kanen-Bounou e do Cairo (Egito); por meio do eixo Cairo-Sudão; e logo no eixo da Ilha de Zanzibar e de Oman, diretamente até a Arábia. Quando os árabes finalmente se apoderaram da Península Ibérica, no início do século VIII, deu-se início a outro eixo pelo qual escoava a população africana diretamente do Sudão Ocidental até a Península Ibérica (Espanha e Portugal), a partir da África do Norte. Assim, existia uma numerosa população negra e escrava

vizada na Espanha e em Portugal antes do nascimento de Cristóvão Colombo³

Há tempos o conjunto, de homens e mulheres negros, espraia-se pelo mundo de forma compulsória, com destinos diferentes, pontos de partida comuns e imbricações singulares junto aos demais grupos populacionais que resultam em trajetórias históricas únicas. Em praticamente todas as partes do mundo, a população negra dialoga com as condições e disposições sociais de uma admirável maneira. De diferentes lugares da África, para espaços distintos no mundo, a contundência da presença e da atuação das populações africanas, dentro de distintos projetos e propostas de construção de sociedades tem despertado posições e compreensões que não variam muito. Não é intenção esgotar a gama dos debates, propósito que escapa a intenção deste artigo. Mas, em linhas gerais, busca-se cotejar alguns elementos sobre a maneira como se pensa o conjunto de homens e mulheres negros ao longo da história. É certo que as posições variaram, mas, pode-se apontar que conteve e parece conter formas sutis de descredenciamento e/ou de alinhamento de formulações sobre o passado, de forma a procurar manter um quadro social com pouca ou nenhuma alteração.

A contundente presença e atuação histórica da população negra, no interior

³ MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, p. 17.

da sociedade brasileira, causa debates e posicionamentos contrastantes. Dos pouco mais de quinhentos anos de existência da sociedade brasileira, tem-se que mais de trezentos de produção de riqueza sem o devido pagamento, sem o retorno social do empenho de um importante segmento de trabalhadores. Do total de três quintos de participação efetiva na construção de uma sociedade, deveriam ser elementos fortes o suficiente para o reconhecimento de uma atuação de alto valor na edificação de qualquer empreendimento. No entanto, como apontado anteriormente, a conhecida história e condição da população negra brasileira é construída pelo esforço e capacidade reivindicatória desse grupo de sujeitos. Durante todo o período de sua presença e atuação em terras brasileiras, o conjunto de homens e mulheres negros tem lutado pela transformação da forma como, se pretendeu no passado, construir a sua figura social, ou seja, indivíduos na condição de escravizados, convertidos, em seguida, em sujeitos travestidos da condição de cidadania brasileira, que na prática implicava em receber tratamentos de segunda ou terceira categoria. E a cada transformação da sociedade brasileira, esta população de homens e mulheres, por certo procura ampliar seus instrumentos de luta, sempre em prol de ações políticas de reparação do passado e, evidentemente, pelo fim das desigualdades sociais.

Por sua vez, a investida do partido Democratas, antigo PFL, permitiu o aprofundamento de um importante

debate sobre o entendimento, da forma como atuaram a população de homens e mulheres negros. Das várias posições, o ocorrido acerca da questão das cotas para estudantes negros na Universidade de Brasília, em que, de um lado, o ordenamento e disposição de elementos feita pelo professor Luiz Felipe Alencastro, representando a Fundação Cultural Palmares junto ao Supremo Tribunal Federal, pontuou que:

Na realidade, nenhum país americano praticou a escravidão em tão larga escala como o Brasil. Do total de cerca de 11 milhões de africanos deportados e chegados vivos nas Américas, 44% (perto de 5 milhões) vieram para o território brasileiro num período de três séculos (1550-1856). O outro grande país escravista do continente, os Estados Unidos, praticou o tráfico negreiro por pouco mais de um século (entre 1675 e 1808) e recebeu uma proporção muito menor – perto de 560.000 africanos –, ou seja, 5,5% do total do tráfico transatlântico. ... Depois da Independência, no Brasil, como no sul dos Estados Unidos, o escravismo passou a ser consubstancial ao State building, à organização das instituições nacionais. Houve, assim, uma modernização do escravismo para adequá-lo ao direito positivo e às novas normas ocidentais que regulavam a propriedade privada e as liberdades públicas. Entre as múltiplas contradições engendradas por esta situação, uma relevava do Código Penal: como punir o escravo delinqüente sem encarcerá-lo, sem privar o senhor do usufruto do trabalho do cativo que cumpria pena prisão? Para solucionar o problema, o quadro legal foi definido em dois tempos. Primeiro,

a Constituição de 1824 garantiu, em seu artigo 179, a extinção das punições físicas constantes nas aplicações penais portuguesas. “Desde já ficam abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as mais penas cruéis”; a Constituição também prescrevia: “as cadeias serão seguras, limpas e bem arejadas, havendo diversas casas para separação dos réus, conforme suas circunstâncias e natureza de seus crimes”⁴.

A sociedade brasileira abriga posições e formas de pensar a atuação da população negra de forma diversa e não raro conflitante. Convive-se com uma complexa habilidade de se formular defesa de posições, sem que se pareça que isto é que se faz. Apesar de sua preciosa contribuição para se conhecer a flora e a fauna brasileiras, Carl Friedrich Philipp Von Martius, como a maior parte dos alemães preocupados em apresentar à Alemanha, ameaçada pelos acontecimentos na França revolucionária, atende ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e vence o concurso monográfico com uma formulação eugênica, pautada, em sua maior parte, na indicação de que os demais sujeitos nacionais, os demais grupos e conjuntos de homens e mulheres deveriam aderir aos preceitos, as normas, aos padrões culturais de um único. Nesse sentido, os programas e os processos educacionais deveriam implementar

o acesso dos demais grupos populacionais a estes conjuntos de valores.⁵

Em linhas gerais, as lógicas de convivência dos distintos padrões que formam a sociedade brasileira permitem tensionar os apontamentos feitos por Ernest Renan⁶. A forma de atuação da população negra brasileira durante os anos que seguem 1930 até 1960, na região Central do Brasil, estão em constante diálogo com os diversos projetos e propostas de organização e transformação da sociedade e suscitam análises e compre-

⁵ MARTIUS, C. F. von - Como se deve escrever a História do Brasil, publicado com O Estado de Direito entre os autóctones do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1982.

⁶ A nation is a soul, a spiritual principle. Two things, which in truth are but one, constitute this soul or spiritual principle. One lies in the past, one in the present. One is the possession in common of a rich legacy of memories; the other is present-day consent, the desire to live together, the will to perpetuate the value of the heritage that one has received in an undivided form. Man, Gentlemen, does not improvise. The nation, like the individual, is the culmination of a long past of endeavours, sacrifice, and devotion. Of all cults, that of the ancestors is the most legitimate, for the ancestors have made us what we are. A heroic past, great men, glory (by which I understand genuine glory), this is the social capital upon which one bases a national idea. To have common glories in the past and to have a common will in the present; to have performed great deeds together, to wish to perform still more - these are the essential conditions for being a people. One loves in proportion to the sacrifices to which one has consented, and in proportion to the ills that one has suffered. One loves the house that one has built and that one has handed down. The Spartan song - “We are what you were; we, will be what you are”³ - is, in its simplicity, the abridged hymn of every patrie. ERNEST, Renan, *What is nation*. A lecture delivered at the Sorbonne, 11 March 1882. ‘Qu’est-ce qu’une nation?’, Oeuvres Complètes (Paris, 1947-61), vol. I, pp. 887-907. An earlier translation, which I have consulted, is in A. Zimmern (ed.), *Modern Political Doctrines* (London, 1939), pp. 186-205. Retirada do sítio http://www.cooper.edu/humanities/core/hss3/e_renan.html, em 14/06/2010.

⁴ ALENCASTRO, Luiz Felipe. Parecer sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, ADPF/186, apresentada ao Supremo Tribunal Federal. Retirado do sítio <http://fpa.org.br/conteudo/cotas-parecer-de-luiz-felipe-de-alencastro>, em 14/06/2010

ensões que passam por diversos aspectos da vida e da disposição desses sujeitos. Com a sua particularidade histórica e uma inserção característica nas ondas marcadas pelas lógicas dos grandes processos desenvolvimentistas, a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (em Minas Gerais), e o Sudeste de Goiás são dotadas de participações e vivências sociais que merecem destaque nas observações da constituição do Brasil.

O processo de ocupação do amplo espaço territorial brasileiro foi alvo de posições que trazem formas de compreensão que contrastam em sua superfície, mas pouco divergem em princípios que fundamentam sua base. A presença humana é marcada e ditada pela dinâmica econômica que orienta o viés escolhido pelo analista que discorre sobre a questão. Ainda nesta direção, em poucos momentos a perspectiva econômica pautou se pela amplitude dos sujeitos envolvidos e menos ainda garantiu-lhes, uma forma de espaço histórico, em que o protagonismo fosse compartilhado com os demais sujeitos.

Aspectos tais como a presença do Tratado de Tordesilhas, a extensão territorial do litoral, a “contundência do clima” sobre as presenças das populações européias, a suposta inércia castelhana, a atuação dos padres, a agressividade dos paulistas predadores de índios, os efeitos da atuação dos portugueses da região norte – que em defesa de seus produtores e dos lucros gerados pelo comércio junto aos ingleses pressionam e condicionam o trato da colônia – dão o tom

dos elementos macros de algumas análises. Uma outra vertente de observações consideram a presença de aspectos como a fibra moral, o histórico do relacionamento anterior dos portugueses com outros povos colonizados, a “lastimável” inadaptação indígena ao trabalho, suas características psicológicas, sua relação com o clima e a sua insistente prática de fuga aos desconhecidos espaços do interior do país, dentre outros, como elementos responsáveis pela “inviabilidade” social brasileira, enquanto estado a ser construído pelos projetos de sociedade, com os produtos humanos presentes nos momentos iniciais da República que se instalará.

Apesar da importância de se considerar o momento de produção da maior parte das obras⁷ e a matriz de pensamento que orientou as ações e as aulas desses professores que formaram gerações de pensadores das questões brasileiras, a ausência da população negra nas análises é algo a ser problematizado, seja pela perspectiva racialista da produção de 1860 a 1920⁸, seja pelos anos de valorização de outros fatores listados com

⁷ A maior parte das considerações aqui dispostas refere-se a produções que se lançaram ao público dos anos 1920 até por volta de 1960.

⁸ A pouca coragem de um ícone da literatura como José de Alencar ao escrever *Ao imperador: novas cartas políticas de Erasmo* – justificando os benefícios da escravidão moralizadora dos indivíduos e educadora das vontades incivilizadas – pode ser atenuada pelos condicionantes de um período em que a desumanização dos indivíduos contrasta com a admiração do humanismo europeu, que não é incontestável. Da mesma forma, causa admiração o esforço empreendido para que as Cartas a favor da escravidão chegassem aos admiradores da verve e fecundidade desse autor.

o argumento da livre competição dos indivíduos no mercado. A “suposta” pouca capacidade dos trabalhadores negros brasileiros para desenvolver os trabalhos originários da revolução industrial, com jornadas repetitivas e supostamente disciplinadas⁹, poderia explicar a ausência do grupo em questão de boa parte dos postos de trabalho das indústrias brasileiras que se formavam, de modo que a culpa pela exclusão recairia no próprio trabalhador¹⁰. Esta arma eficaz, que ainda pode atrair raciocínios simplistas com facilidade, não resiste a questionamentos mínimos.

Tomando como contraponto do argumento anterior as condições históricas e os desdobramentos ocorridos no Estado

do Rio de Janeiro – espaço com o maior movimento econômico condensado, depois dos Estados de Minas Gerais e Bahia – logo após a instalação da República, a forma como se acomodou a população negra naquele espaço, contrastada com a cidade de São Paulo – que somente mais tarde tornaria se um espaço, de considerável presença de empregos no espaço urbano e densidade populacional –, a noção de “incapacidade” para o trabalho industrializado não condiz com a simples constatação de que no Rio de Janeiro republicano – onde a importação da mão de obra européia, por parte do Estado, foi menor – o contingente de homens e mulheres negras ocupou expressiva parcela dos postos de trabalho nas indústrias do período. Um estudioso do percurso trilhado pela população negra brasileira, George Reid Andrews, afirma que:

a exclusão dos trabalhadores negros do primeiro estágio da industrialização paulista parece ter tido menos a ver com a suposta incapacidade dos negros do que com a política do Estado, que trabalhou para inundar o mercado de trabalhadores europeus, enfraquecendo assim a posição de barganha, tanto dos trabalhadores negros quanto dos brancos, e permitindo que os empregadores demonstrassem a sua preferência pelos últimos.¹¹

⁹ Os homens e mulheres negros brasileiros durante muito tempo trabalharam nas diversas lavouras e na atividade mineradora, para em seguida serem acusados pelos importadores de mão de obra européia de não possuírem a adequação necessária ao novo ritmo das indústrias, como se o trabalho nas lavouras em todos os tempos não contivesse a sua própria lógica de organização e disciplina de exploração e de resistência. Neste sentido, as possibilidades de compreensão das relações trabalhistas ganham em profusão de perspectivas na análise de THOMPSON E. P. O Tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA. Tomaz T. da. (org.) *Por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre/RS: Ed. Artes Médicas, 1991, p. 44 – 93.

¹⁰ Guardadas as proporções, é possível pensar que algo semelhante está insistentemente sendo veiculado por alguns dos diversos órgãos de imprensa e diz respeito ao processo de formação para o trabalho brasileiro. A força dessas mensagens procura lembrar ao grande número de trabalhadores desempregados que os postos de trabalho existem, no entanto, o fato do trabalhador permanecer meses a fio desempregado está relacionado à sua própria não qualificação ou então à sua idade avançada e não, para não debater muito, ao processo de aumento crescente da produção com um número cada vez menor de indivíduos envolvidos no processo produtivo.

¹¹ ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru-SP: Edusc, 1998. p. 150 e 151. Ainda sobre a industrialização brasileira ver: DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971 e HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, E. *Historia da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo: Global, 1982. Dentre muitos outros.

A análise dos elementos históricos e a aproximação com as observações do autor, compreende-se que o processo de exclusão e/ou uma particular exploração de um grupo humano com hábitos, costumes e valores culturais diversos, por um ou mais grupos humanos da sociedade, está diretamente relacionada às condições, disposições, preferências do momento e projeções futuras, e não apenas aos usos que se faz do passado.

É possível pensar, com segurança, que as distintas pressões sociais elaboradas cotidianamente, os inúmeros argumentos utilizados, as escolhas, as opções e as construções históricas que os indivíduos fazem são e caracterizam armas, propostas e preferências no tempo e no espaço, e não coincidências, forças mortas e poderosas de uma tradição eficaz que ultrapassa os anos.

As tentativas de dominação e exploração de um grupo por outros é histórica. Parte da construção social é herdada, mas a maior parte sempre se atualiza e não possui vínculo algum direto com o passado. Esta construção materializa-se, sim, no embate travado no dia-a-dia das pessoas, nas opções e rearranjos de interpretações de aspectos do passado. As pessoas nascem escravas, ricas, pobres, livres, homens, mulheres, dentre outras conjunturas possíveis, mas em meio a esses determinantes, são as escolhas diárias que fazem a diferença e dão forma histórica aos sujeitos, seja pela preservação da condição em que se encontram ao nascer, seja pela transformação de uma realidade. Assim, as opções políticas, as

atitudes racistas, machistas e sexistas, normalmente chegam eivadas de lógicas de exploração de determinada classe. A incessante procura de meios para extorquir e explorar o produto do trabalho alheio revela, com clareza, que políticas e atitudes (pessoais e coletivas) diversas são sempre escolhas dentro de uma infinidade de possibilidades que parecem, mas não estão totalmente limitadas ao fato de uma existência dada, mas sim construídas incessantemente. Nesta ótica, é inspiradora a leitura de Thompson, ao pontuar que:

Muito raramente – e, neste caso, apenas por pouco tempo – uma classe dominante exerce, sem mediações, sua autoridade por meio da força militar e econômica direta. As pessoas vêm ao mundo em uma sociedade cujas formas e relações parecem tão fixas e imutáveis quanto o céu que nos protege. O ‘senso comum’ de uma época se faz saturado com uma ensurdecidora propaganda do status quo, mas o elemento mais forte dessa propaganda é simplesmente a existência do existente¹²

Há, no tocante a população negra e a infinidade de exemplos da condição em que vivem no interior da sociedade brasileira, uma nova e imbricada questão, marcada por uma soberba disposição política. As distinções populacionais brasileiras é algo difícil de negar. É sabido e festejado as formidáveis diferenças dos

¹² THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, p. 239.

grupos humanos nacionais. Mas há que se pontuar que diferença é um conceito cultural e desigualdade, um conceito ético. Homens e mulheres negros, brasileiros diversos, migrantes estrangeiros de longa data e que decidiram ficar, dentre outros: somos todos diferentes, jamais desiguais.¹³

Deter o olhar, sobre as formas desiguais que imperam na sociedade brasileira, leva obrigatoriamente a questionamentos sobre a forma como se constrói um espaço em comum com o empenho de todos, para o bem de todos. Tensionando um pouco mais o que se vê, percebe-se que somos obrigados a admitir que as relações polarizadas entre os diversos grupos possíveis de brasileiros – quaisquer que sejam, homens/mulheres, jovens/idosos, religiosos/ateus, conhecedores/leigos, militares/civis, nacionais/estrangeiros, estaduais/regionais, dentre outros possíveis pares binários – não podem abrigar desigualdades, mas sim diferenças intrínsecas a sua condição. Ainda nesta direção, importa frisar que as desigualdades têm sido historicamente utilizadas para, não raro, justificar as mais elaboradas formas e tentativas de opressão de um grupo sobre o outro. Há que se acrescentar que as diferenças, as disposições contidas nos seus conjuntos de valores, sentidos estampam formas e condições de sujeitos protagonistas, não raro, dotados de projetos, análises e críticas às versões instituídas.

¹³ JACCOUD, Luciana de Barros & BEGHIN, Nathalie. Ações afirmativas: e agora doutor? *Ciência Hoje*. V. 33. nº 195. jul./2003. p. 26. 239.

No caso brasileiro, dá-se – quase sempre à sombra do encantador aceno liberal da, suposta, impessoalidade e da capacidade premiada, contida no sonho da autoconstrução ludibriosamente pautada em argumentos que marcam a perseverança no trabalho – a construção de um instrumento de separação e posterior opressão dos grupos de indivíduos com diferenças e disposições sociais próprias. Ao lado da posição política de não permitir aos grupos sociais, o direito à diferença; tem-se o exercício cotidiano da insinuante e eficaz opressão dos que insistem e/ou não podem deixar de estampar diferenças que se transformam em porta aberta para a implantação da desigualdade entre os brasileiros.

Há ainda uma construção simplista que passa pelo alinhamento das diversas condições iniciais dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira, e que procura fundamentar-se numa lógica meritocrática de seus integrantes. Esta leitura da sociedade (elimina os inúmeros elementos históricos de cada grupo) permite constatar, de modo raso, a presença de uma edificação (do país) e a não participação do amplo conjunto de homens e mulheres ao longo do processo que culmina na sua forma atual. Além disto, um importante fato, uma observação que considere a autonomia de cada um dos grupos de envolvidos: nunca saberemos se os diferentes grupos culturais, iguais grupos de brasileiros, hoje juntos, desejaram estes ritmos e projetos de vida. As incompatibilidades urbanas, os assombros que acometem as autori-

dades públicas, os descaminhos da civilidade, as torções e os usos que sempre surpreendem os órgãos e especialistas em organização urbana, talvez contenham indícios de respostas às questões que ainda não foram formuladas.

No dia a dia ter-se-á proposições, disposições sociais, emanadas dos diversos grupos de brasileiros e das populações negras, que não raro parecem erros, equívocos, estratégias insensatas, desprovidas de previdência e capacidade de ler o futuro¹⁴, mas que podem esconder posicionamentos claros.¹⁵ Dentre tantas leituras possíveis do comportamento e das intenções históricas de homens e mulheres negros na sociedade brasileira, uma sobressai. É a que sempre associa as escolhas e posturas deste contingente aos produtos e condicionantes dos trabalhos no regime escravocrata. Em linhas gerais, com diferentes justificativas, as análises encobrem grupos e posições de setores que se lançam sobre outros grupos distintos e/ou polarizados por interesses e medos diversos.

Dentre os aspectos que cercam as diferentes formas de ocupação e apropriação do Brasil, numa área composta pelo Triângulo Mineiro, parte do Alto Paranaíba, Noroeste de Minas Gerais, e da região Sudeste de Goiás, conjuntos de disposições sociais históricas saltam aos olhos: o amplo conjunto de Clubes Negros, Irmandades de Nossa Senhora do

Rosário, registros memoriais de bairros negros, agremiações esportivas negras, Centros de Umbanda e de Candomblé, práticas e saberes locais incontáveis.¹⁶

Os membros do grupo de homens e mulheres negros em cada uma das localidades que compõem a região Central do Brasil nascem inseridos em suas cotidianidades, construídas a partir de opções e propostas de diálogos entre diferentes que ao longo de um processo histórico complexo culminaram em formas desiguais de apropriação e estabelecimento neste espaço. O amadurecimento desses sujeitos significa, em qualquer sociedade, que os indivíduos adquiriram todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana. As análises, sobre a vivência dos sujeitos históricos, permitem perceber que os corpos negros nestas localidades são sempre, simultaneamente, ser particular e genérico, é bem verdade que um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade¹⁷, mas a especificidade de nascer negro na sociedade brasileira parece abrigar particularidades.

Dentro do conjunto de disposições sociais diferentes e do embate que suscita cotidianamente, importa a busca pela fundamentação do presente sempre assenta-

¹⁴ Como se a lógica do capitalismo tivesse uma única maneira de ser para todos os grupos humanos.

¹⁵ Não raro distintos do que está contido nos apontamentos do livro do alemão WEBER, Max. *A ética protestante e alógica do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

¹⁶ Para análise de alguns desses elementos, ver: CARMO, Luiz Carlos do. *Salve o Rosário, o Rosário salve*. Sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil Central. [Doutorado em História Social]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.; CARMO, Luiz Carlos do. História, memórias e sentidos de viver: as estratégias de ser quem se é no cotidiano de uma pluralidade cultural. In: *Revista Métis: História e cultura*. Caxias do Sul. Educs, 2007, p. 177 a 200.

¹⁷ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 18 a 20.

da no passado. Nesta direção, a maneira como os grupos populacionais brasileiros são vítimas dos assaltos de memória, das distorções de suas ações do passado, quando não de práticas violentas de diferentes sentidos – seja de forma direta, seja por meio de mecanismos de figuração, ficção e suas variantes dentro de projetos políticos que se valem das diferenças em busca da permanência da desigualdade, procurando impor lógicas e pretensões hegemônicas às leituras e compreensão do passado de forma profissional –, deixam ver uma ampla base de intenções e compreensões dos historiadores divergentes em muitos aspectos. Nas palavras de Tucídides, uma ilustração de um posicionamento sobre a questão, ao informar que:

No que diz respeito aos acontecimentos passados, mesmo àqueles referentes à sua própria terra, os homens têm por hábito acolher, com seus ouvidos, os relatos tradicionais, sem se preocuparem em submetê-los a exame e à inquirição. Pois a maioria dos homens é sempre descuidada no que tange à investigação da verdade, preferindo aceitar de pronto o que mais facilmente se oferece¹⁸ (TUCÍDIDES, I.20.1; I.20.30).

Nos apontamentos, a preocupação com o fato de que algumas pessoas “comuns” tornam-se presas fáceis dos manipuladores da compreensão dos acontecimentos passados de um espaço, mesmo os

referentes às suas vidas. Ao historiador a tarefa de analisá-los e, quando for o caso, denunciar o que há nas práticas e propostas de distorção das informações acerca das ações humanas passadas. Há que se considerar a distância temporal, as bases e as intenções do historiador e general grego que se notabilizou pela preocupação com as diversas vozes que se levantam a respeito do mesmo acontecimento. Após as inúmeras modificações sociais que assolaram a história da humanidade, em geral tem-se que as populações que não detiveram os meios de registro e de afirmação de suas posições – especialmente no que se refere à forma como compreendem e, ainda não podem, posicionar-se sobre o passado – fazem com que os apontamentos de Tucídides sejam reavaliados nos nossos dias.

É sabido que as sociedades, que preferiram organizar-se por intermédio das lógicas engendradas pelo modo de ser capitalista europeu do século XVIII, disputam as compreensões do passado com o mesmo ímpeto que procuram colocar as suas noções do presente, de modo a parecerem dotadas da capacidade de representar e de agir em prol do bem de todos os grupos populacionais, de uma localidade. Na porção Central do Brasil, a presença de diversos grupos de populações, permite pensar na variedade de compreensões sociais frente ao presente. Os grupos que ao longo dos anos conseguiram manter-se nas posições de registro e de reafirmação de suas compreensões sociais, acerca dos acontecimentos do passado – difundem leituras e orientações que deveriam ser retrans-

¹⁸ TUCÍDES, I. 20. 1; I .20.3. Apud. MAGALHÃES, Luiz Otávio. Tucídides: a inquirição da verdade e a latência do heróico. In: JOLY, Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica*. São Paulo: Alameda, 2007.

mitidas às gerações, apóiam-se sobre os usos históricos que se faz dos primeiros movimentos dos anos 1722, data das primeiras incursões pelas terras do que seria o Estado de Goiás. Aqueles sujeitos – sabiam que a maneira de ver e de registrar os acontecimentos refletiam as posições e perspectivas de um conjunto de homens e mulheres, que procuravam sedimentavam as diretrizes para os projetos de construção que se implantava.¹⁹

O produto histórico, compreendido a partir da relação entre os homens e mulheres negros e sua forma de diálogo com as mudanças locais, os projetos e intenções dos grupos, pode ser entendido como fruto tanto da força dos sujeitos radicados nas cidades analisadas, como também de disposições e forças externas que se movimentam e imprimem o resultado dessas interações, dos acordos, de ações diversas

¹⁹ As cidades das regiões observadas não passaram por um processo tão intenso de ocupação e de exploração que em muito difere das demais regiões. O processo de ocupação e de exploração das potencialidades contidas nesta porção do país guarda as suas particularidades e dinâmicas próprias, assim como a compreensão acerca dos sujeitos impulsionadores dessa dinâmica. Para referências à forma como se compreende a constituição da dinâmica econômica da região, ver: BRANDÃO, Carlos A. *Triângulo: capital, comercial, geopolítica e agro-industrial*. Belo Horizonte, 1989. 188 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – CE-DEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989; GUIMARÃES, Eduardo. *Infra-estrutura pública e movimento de capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão interregional do trabalho*. Belo Horizonte, 1990. 174 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – CE-DEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990; MARTINS, Humberto E. de Paula. *Formação e desenvolvimento sócio-econômico do Triângulo Mineiro*. *Revista do Departamento de História*. Belo Horizonte, UFMG, Programa de Pós-graduação em História, FFCH, n.º 19, p. 164-18, 1998. Dentre outros estudos.

que acarretam desdobramentos de projetos dos grupos locais. Estas intencionalidades podem envolver direta e/ou indiretamente o potencial extrativo existente, ou mesmo o quadro produtivo que há de ser implantado, o perfil histórico e a presença da população estabelecida.

No que toca à população e o desenvolvimento de uma região, há posições de compreensão em que o conjunto humano parece preceder e/ou chegar após o estabelecer do surto desenvolvimentista das cidades. Ao longo dos anos, os percursos percorridos por cada uma das diversas economias constituídas, e os espaços que ocupam na dinâmica econômica são fruto de históricos movimentos diários de construções, sucessivas escolhas, inúmeros acordos, tratos e destratos políticos de diversas naturezas, além, é certo, de várias exclusões e inclusões nos registros que procuram assinalar grande parte dos produtos históricos visíveis das cidades nos dias atuais. Os diversos grupos sociais de brasileiros inserem-se nos diferentes processos de ocupação e apropriação das potencialidades do momento e das futuras, em meio aos desencadeamentos anti-éticos ou não e disposições políticas presentes nos encaminhamentos das construções sociais das forças, que nesta região do Brasil se instalaram ou estavam por se instalar.

Os produtos sociais e históricos, os projetos vitoriosos e os silenciados, os desdobramentos que marcam as construções passadas e as atuais, assim como as futuras conformações que atravessam os anos nas cidades, podem abrigar sinuosos sinais de acordos múltiplos e complexos de convi-

vências, silenciosos de perspectivas e não confrontação explícita de projetos sociais, escolhas históricas, preferências conjunturais, em muitas e emblemáticas situações vividas que, por certo, montaram-se, tensionaram-se, e no imbricamento de forças distintas dialogaram com os valores, as escolhas, os sentidos do contingente de homens e mulheres negros, dentre muitos outros grupos.

É possível pensar que há, nas organizações das localidades brasileiras, um entrelaçamento estrutural formado pelo produto vencedor das constantes e diárias disputas, dos embates entre os hábitos dignos e os supostamente não tão nobres, costumes civilizados e os considerados exóticos, norteadores sociais moralmente aceitos e os colocados à margem.

Do total de 193.243.779, somando a população preta e parda, chega-se aos que este estudo agrega na condição de negros brasileiros, perfazendo estimadamente mais de metade do total da população brasileira no ano de 2010. Apesar do expressivo número, exceção feita às populações nativas das Américas, os homens e mulheres negros no Brasil foram um dos contingentes populacionais que mais sofreram com as disputas de memórias, as concorrências de saberes, as valorizações das práticas sociais e tiveram seus modos de vida, suas esperanças e suas perspectivas de vida tensionados dentro dos vários projetos que grassaram nas construções urbanas, com temporalidades e especificidades históricas, na maioria das vezes, pautado numa disposição de diferenciar para, tornar desiguais as pessoas.

Compreende-se que há um composto central de convencimento, sancionado, quase sempre formado, pela eleição das principais preferências a serem transmitidas e das que devem ser silenciadas, refutadas ao longo dos anos. Esta ação acaba alijando práticas sociais, saberes e costumes da condição de igualdade, sempre procurando fazer com que as marcas culturais dos diversos grupos brasileiros não tenham o direito e a legitimidade de explicitarem os seus valores, sua perspectiva de organização e de vida.

Transparece no relato dos diversos entrevistados apontamentos diversos, que marcam interpretações sociais dos desdobramentos do processo de ocupação e apropriação da região Central do Brasil de forma muito diferente da que consta no cânone presente na formulação de Caio Prado Jr., que propôs as etapas econômicas da sociedade brasileira.²⁰

Esta região possui um vasto conjunto de análises e abordagens que variam²¹. De

²⁰ PRADO JR. Caio. *História econômica do Brasil*. 3^o Ed., São Paulo: Brasiliense, 1984, cap 15.

²¹ LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. *A oeste de Minas Gerais*. Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861) Editora UFU, 2005; ARANTES, Jerônimo. *Corografia do município de Uberlândia*. 1^a ed., Uberlândia: Editora Pavan, 1938.; BARBOSA, J.C. e outros. *História Política de Catalão*, 1^a ed., Goiânia: Editora da UFG, 1994; CAPRI, Roberto. *O município de Uberabinha/Minas*. 1^a ed., São Paulo: Capri, Andrades & C. Editores, 1916; PEZZUTI, Cônego Pedro. *Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia*, 1^a ed., Uberabinha, Livraria Kosmos, 1922; BRANDÃO, Carlos A.. *Triângulo: capital comercial, geopolítica e agroindústria*, Belo Horizonte.: Universidade Federal de Minas Gerais, 1989. (Tese Mestrado); GUIMARÃES, Eduardo Nunes. *Infra-estrutura pública e movimento de capitais: a inserção do*

acordo com as observações de dois senhores pratenses²², as relações nessa localidade eram permeadas por um orquestrado posicionamento político de um grupo de interesse que se vale da fácil identificação do outro a ser explorado, belamente ornado, amplamente difundido, que não passa de um violento engodo liberal dotado de força e complexidade histórica; sua constante utilização procurava amortecer as tensões possíveis, naturalizar diferenças, posicionar respostas inatingíveis.²³

Dentre outros aspectos a serem pensados à luz da opção e das escolhas das pessoas que vivem na região Central

do Brasil, a própria e importante referência à interiorização da metrópole pode ser acrescida das disposições e compreensões dos demais sujeitos sociais que vivem nesta parte do Brasil. A historiadora Maria Odila, aponta que o surgimento de uma força do estado unitária, disputando e combinando elementos capazes de aglutinar imaginários, disposições sociais, dirimindo divergências e disposições contrárias menores, alinha disposições dominantes regionais de um lado e as demais perspectivas de construção social de outro. Desse conjunto de elementos, tem-se um processo de centralização de poder interiorizando o poder central instituído.²⁴

Os diferentes conjuntos de experiências, de disposições sociais, de formas de ver e de compreender as características naturais do espaço, e as demais disposições de transformação e apropriação da região Central do Brasil, por certo proporcionaram leituras distintas de um processo histórico que será melhor compreendido se aglutinarmos diversas estratégias de análise dos aspectos econômicos, das ondas migratórias, as disposições de se transformar diferenças em formas de opressão e implantação de naturalização de desigualdades.

O registro das formas de atuação dos diversos grupos sociais na região não se deu de forma equilibrada. As popu-

Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1989, (versão repaginada em 1996), (Tese Mestrado); GOMES, Horieste et al.. Geografia Goiás/Tocantins. Goiânia: UFG, 1993; GOMES, Luis Palacin. *História política de Catalão*. Col. Documentos Goianos: Goiânia: UFG, 1994; GOMES, Luis Palacin *Goiás: 1722-1822, estrutura e conjuntura uma capitania de Minas*. Goiânia: Oriente, 1976; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano. [Doutorado em Geografia Agrária]. Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2004; MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985; REZENDE, Eliane M. Márquez. *Uberaba: uma trajetória sócio-econômica - 1811-1910*. Uberaba: Edição APU, 1992; SAMPAIO, Antonio Borges. *Uberaba: história, fatos e homens*. Uberaba: Edição Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

²² O município de Prata é o maior em extensão do Triângulo Mineiro, e está situada às margens da rodovia federal BR 153, dista 632 km de São Paulo; 640 km de Belo Horizonte; 500 km de Brasília; conta com uma população estimada em 26.000 pessoas.

²³ A escravidão como elemento responsável pela condição social da população negra; no caso pratense, a falta de jeito e o acanhamento nas repartições públicas e privadas dificilmente poderiam ser solucionados com as atitudes e posicionamentos dos sujeitos no presente, já que a resposta estaria em elementos da escravidão negra brasileira. Uma meia verdade altamente complexa.

²⁴ Para mais sobre o processo que marca a presença e a força institucional centralizada sobre os demais poderes regionais, ver: DIAS, Maria Odila Leite Silva. A interiorização da metrópole. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.) *1822. Dimensões*. São Paulo: Perspectivas, 1972, p. 160-186.

lações indígenas desta região, diante do processo que se estabelecera, pouco ou nada puderam fazer, em função da lógica de expropriação que sofreram. Pouco se tem de informações sistematizadas acerca da população negra e de sua atuação junto aos primeiros movimentos de entradas, suas posteriores permanências nestes espaços, suas formas de ser e de atuar nos diversos processos que se deram na região. A ocupação e a apropriação da região Central do Brasil parece ocorrer, por meio, apenas das ondas migratórias de descendentes de europeus, posteriores grupos do eixo econômico Rio de Janeiro-São Paulo, além de poucos outros, nada mais.

A respeito das condições e interpretações das vivências das populações que pouco se destacaram nos lugares privilegiados de difusão dos sentidos de leituras do passado, e conseqüente valorização das memórias acatadas desta sociedade, e também das relações que emanam do mundo do trabalho, pondera Alessandro Portelli que:

A história oral não reside onde as classes operárias falam por si próprias. A afirmação contrária, naturalmente, não seria totalmente infundada: o relato de uma greve nas palavras e memórias de trabalhadores, ao invés daqueles da polícia e da (sempre inamistosa) imprensa, obviamente ajuda (embora não automaticamente) a equilibrar a distorção implícita naquelas fontes.²⁵

²⁵ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Revista Projeto História* n° 14. São Paulo. Educ. 1997, p. 37.

O alcance e a perspectiva de investigação social de determinadas questões e suas disposições políticas esta intimamente relacionada às fontes que se utiliza. A história oral, dentre outros atributos, proporciona a confrontação de sedimentadas versões e interpretações de acontecimentos de uma localidade. As discrepantes observações sobre os eventos permitem problematizar as intenções, os propósitos que estavam por trás daquelas opções e proposições. Há ainda a possibilidade de se tensionar quais os grupos que também se juntam na divulgação de uma dada opção de lembrança, assim como a rejeição de outras. Pois como observa Amauri C. Ferreira e Yonne Grossy: “lembranças valem pelo que dizem e pelo que criam. Produzem vínculos identitários e perfilam o fazer-se sujeito, através das próprias palavras que vão inaugurando os relatos”²⁶.

Dentre muitos diálogos travados na cidade de Catalão, a senhora Benedita Quirino, outra entrevistada de fácil abordagem e empatia instantânea, revela aspectos interessantes quando conversa sobre a forma como e onde vivia quando ainda jovem. Sobre quais eram as condições de vida dos homens e mulheres negros naquela localidade, a depoente afirma:

sempre morei aqui, e te digo, não foi fácil não, era duro, difícil e separado, a gente num misturava não, era poucos, muito

²⁶ Conforme FERREIRA, Amauri C. & GROSSY, Yonne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo. n° 7, junho de 2004, p. 46.

pouco, os que vinha, era eles pra lá e nós pro nosso lado (pequena pausa..., o tom de voz diminui, um embargo rápido, faz-se notar) (...) a vida dos pobre era só trabalhava e nada, não ia, rendia pouco, quase nada, e era de sol a sol e nada, nós conseguimos esse terreno aqui porque ainda tinha uma força, meu marido tinha um poquinho de recurso, (...) mas os outro coitado, morava lá na boca da onça, foi difícil, eu sempre trabalhei, ajudei no que podia, fazia de tudo um pouco.²⁷

Mesmo não sendo tomada de súbito, a aparente dificuldade com que as condições pessoais de vida, e, por extensão do grupo de iguais, foram relatadas pela depoente, deixa transparecer que as condições para boa parte da população negra catalana eram difíceis e as chances de sucesso por meio do trabalho não eram muitas. A referência ao local de moradia, o grupo de homens e mulheres negros parece revelar parte dos pontos considerados importantes e para se mirar os esforços de uma vida. A materialização da residência pode encerrar uma trajetória de sucesso ou não, de acordo com a senhora Benedita Quirino. Paralelo às observações da depoente, o que se destaca é a avaliação contida nas suas palavras, postas no presente, de que o empenho de muitos iguais, a entrega ao trabalho, a labuta diária implementada pelos negros catalanos surtiam poucas conquistas econômicas e, em especial, um local de moradia.

²⁷ Depoimento da Senhora Benedita Quirino, da cidade de Catalão, no dia 13 de julho de 2000.

Na cidade de Campina Verde²⁸, região do Triângulo Mineiro, o senhor Francisco – para alguns apenas Tó –, pedreiro conhecido e trabalhador, que circulou por construções em diversos municípios, sempre com disposição e alegria. Quando perguntado sobre as condições e a forma como supre as necessidades diárias, afirma:

eu ti falo, com muita corage, muita corage, tem que enfrentá de tudo e num pode refugá não, tem que pegá o que tem, como aqui nunca tem nada, aqui num constrói, quando tem uma sede de fazenda pra reformá tem gente demais pra fazê (...) então eu saio, desde moço, vou pra onde eu sei que tem trabalho (...) converso com um, converso com outro, junto as minhas coisas e vô por aí, é por aí, num tenho medo não. Oh! Eu ti falo, ti falo já trabalhei em Barretos, São José do Rio Preto, Uberaba, Uberlândia nem se fala, Goiânia, Brasília ...ichi, já trabalhei demais, mais sempre volto e fico aqui, é aqui em Campina Verde, que não tem nada²⁹.

As observações de um homem maduro, com um histórico de trabalho em inúmeras cidades da região, e em outros estados – apontam para um momento histórico, em que a condição de empregabilidade nessas localidades parecem

²⁸ O município de Campina Verde é um pequeno município no Triângulo Mineiro, e está situada às margens da rodovia federal BR 364 e 153, dista 617 km de São Paulo; 682 km de Belo Horizonte; 580 km de Brasília; 154 de Uberlândia, conta com uma população estimada em 19.000 pessoas.

²⁹ Entrevista com o senhor Francisco, popularmente conhecido como Tó, na cidade de Campina Verde, em 29 de setembro de 2003.

nada animadoras. Ainda assim, inversamente, das palavras do senhor Tó, não transparece mágoa, rancor ou outros sentimentos amargos; a clara constatação revela que compreende bem a característica de sua cidade e o que as relações sociais diárias lhe reservam, mas, mesmo desta forma, percebe-se que dialoga bem com as condições locais.

Em linhas, gerais, mesmo que por períodos bem marcados, nas cidades em que ocorreu a introdução do transporte férreo, as lidas manuais com o carregamento e descarregamento dos vagões das composições foram um local privilegiado da presença do trabalhador negro.³⁰ Até a chegada da câmara fria, os poucos curtumes e charqueadas presentes nas cidades em questão, apesar das difíceis condições de trabalho e desgaste a que ficaram expostos, também eram locais de trabalho dos homens negros nas cidades focadas. Ainda no que se refere à ocupação dos homens, a lida nas fainas agrícolas, num tempo de pouca presença de implementos e mecanizações, junto com os trabalhos na construção civil, eram os trabalhos com menores possibilidades de ganho. As mulheres negras, de modo quase inquestionável, enveredavam-se pelas atividades que se estendiam nas dinâmicas do lar e protagonizaram um considerável reforço ao orçamento familiar. Na verdade, muitas vezes, o ganho

feminino constituiu-se na única fonte de renda dos lares negros nas localidades observadas.

Nesse rápido delinear de múltiplas vivências e das diversas formas de compreensão e posicionamentos sobre o que viveu o conjunto de homens e mulheres negros, as observações da senhora Maria Luzia Mapuaba, da cidade de Uberaba³¹; dos senhores Miguel Calixto e João Batista, de Prata; da senhora Benedita Quirino, de Catalão³²; as construções efetuadas pelo senhor Olinto Silva; as análises do senhor Herberto; as pontuações do senhor Tó, na cidade de Campina Verde; dentre muitos outros apontamentos originários das conversas e encontros, indicam não descontinuidades de trajetórias que aparentemente não se concatenam, e ao contrário, revelam indícios amplos e variados de uma forma de viver tensionada nessas localidades, que se coadunam e compõem uma trajetória de singularidades experimentadas pela população de homens e mulheres negros que muito se assemelham.

A variedade de posições coletadas, as especificidades de cada uma das experiências relatadas, auxiliam na composição cla-

³⁰ Nesse sentido, sobre a cidade de Uberlândia, ver: CARMO, Luiz Carlos do. "Função de preto": Trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG. 1945/1960. São Paulo: Dissertação de mestrado. PUC de São Paulo/SP, maio de 2000. Dissertação.

³¹ O município de Uberaba é um município no Triângulo Mineiro, e está situada às margens das rodovias federal BR 050 e 262, dista 487 km de São Paulo; 481 km de Belo Horizonte; 530 km de Brasília; 102 de Uberlândia, 435 km de Goiânia, conta com uma população estimada em 296.000 pessoas.

³² O município de Catalão é um município no Sudeste de Goiás, e está situada às margens das rodovias federal BR 050, e dista 695 km de São Paulo; 611 km de Belo Horizonte; 308 km de Brasília; 108 de Uberlândia, 260 km de Goiânia, conta com uma população estimada em 81.000 pessoas.

ra de uma constatação simples: a presença de homens e mulheres negros nas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paraíba e Sudeste de Goiás é marcada pela construção de soluções de força, de diálogos com diretrizes sociais diversas, que trazem sempre a exploração e a viabilização de uma condição em que nichos empregatícios e de poder não recaíam nas mãos dos que, além de destacarem-se culturalmente, são facilmente percebidos. Nos momentos em que a sociedade deveria ser indistinta, marcada pelo suposto mérito e iniciativa individual, pela capacidade técnica no momento das distribuições dos postos de trabalho das ações governamentais, o que se percebe é exatamente o oposto; os vários relatos dão conta de uma complexidade que permite ver a distinção social processada e a maneira como os entrevistados a percebem.

Diante das diversas e inerentes transformações históricas que marcam as cidades, a região analisada, entre outros diálogos possíveis, os elementos históricos do relacionamento e das tensões culturais dos valores do grupo em questão permanecem, redimensionam-se e são tratados nesse campo de sentidos e valores. Os relatos, o compartilhar emoções, a prática de rever antigas fotografias e comentar os seus registros, as revelações diversas, dos diferentes sujeitos, em cada uma das cidades concatenam-se e permite compreender que aquelas vidas continham muita coisa em comum, e que mesmo separadas, algumas marcas comuns nas suas vivências fazem crer que aquelas opções, as muitas ações:

não são produtos individuais no sentido moderno, registro das idéias singulares de determinada pessoa em uma sociedade extensamente individualizada. O que nos chegou (...) são fragmentos de uma grande tradição oral, reflexos do que era realmente costumeiro. Esses fragmentos são importantes exatamente porque descrevem não o que era grande ou extraordinário, mas os aspectos típicos da sociedade (...)³³

As observações dos entrevistados, mesmo em cidades distintas, permitem compreender que apontam para um conjunto complexo de ações, comportamentos cidadãos, acomodações, negociações, enfrentamentos, acirramentos, empresas diversas, e derrotas de duas naturezas, as que logo eram (re)elaboradas, transformadas em novos empreendimentos de luta e construção do espaço de vivência, e as que eram silenciadas, acondicionadas em local seguro a espera da oportunidade de lançar se a mesa de negociações diárias.

Na porção Central do Brasil, a presença de diversos grupos de populações permite pensar na variedade de compreensões sociais, assim como as disposições sociais que dialogaram no passado defendendo suas posições e nos legaram as condições do presente. Diferentes formas de atuação, diferentes origens e percursos traçados pelos embates e desdobramentos impostos pelas perspectivas dos grupos ao redor e das próprias pessoas fazem da tenta-

³³ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994. Vol. 1, p.75.

tiva de compreensão das construções conhecidas um soberbo desafio.

Com a construção social brasileira pautada pela lógica do capitalismo e por sua inserção no grande conjunto de negociações mundiais numa posição específica, os embates e encaminhamentos das demais perspectivas de construção de uma sociedade dentro de uma forma única. Dito isto, deve-se acrescentar que as determinações a serem consideradas nas análises podem e devem partir do privilégio que se quer dar, mas há uma séria dose de desconfiança dos estudos e demais disposições interpretativas que não consideram o conjunto humano. A importância do terreno, do clima, da fauna, da flora, dos acidentes geográficos e/ou de sua ausência por certo se soma a atuação das pessoas em qualquer situação histórica. O contrário não é verdadeiro.

O elemento impulsionador da entrada de grupos de bandeirantes e outros aventureiros vinha, no século XVII, a partir da dinâmica estabelecida pela lógica da exploração aurífera e mineral e do conjunto de pequenas e importantes atividades que se somavam a esse conjunto. O abastecimento dos diversos sujeitos dessa cadeia marca a atuação, na forma de suporte, aos mineradores, tropeiros e aos demais sujeitos que se lançavam neste empreendimento, mas também permite às pessoas que se estabeleçam e desenvolvam lógicas de relacionamento com o ambiente em que vivem e com as demais populações que aqui aportaram ou já residiam.

A histórica presença de distintos grupos familiares, talvez atuando na forma de bandos³⁴, e a capacidade de conseguir imprimir as suas compreensões sobre o passado desta região já foi registrado por muitos pesquisadores, e é perceptível nos monumentos e demais marcas sociais convencionadas da memória pelas cidades do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, que fazem divisa com Minas Gerais e o Sudeste de Goiás. Diferentemente do que pode ter sido, muito do que nos chega na forma de monumentos, placas, conteúdos escolares, dentre outras formas de transmissão de valores históricos, os silêncios acerca do passado, a atuação de determinados grupos sociais (no caso, homens e mulheres negros presentes nesta porção do país desde 1722 ou muito antes disto), o grande número de práticas culturais imersas em valores sociais historicamente fundamentados, deixam a mostra a evidência de um grau de consciência histórica inco- mum.

Um amplo conjunto de analfabetos, pessoas vivendo à beira da desassistência e do desamparo social concreto e a população de homens e mulheres negros da região Central do Brasil, cada um à sua maneira, têm colocado a público, de tempos em tempos, uma espécie de de-

³⁴ Para a discussão acerca da forma como os grupos dirigentes nacionais atuam e a noção de bando em vários autores, ver: COSTA, Ana Paula P. Tecendo redes, construindo autoridade: notas preliminares acerca da formação de redes de reciprocidade entre oficiais dos corpos de auxiliares e de ordenanças e seus escravos. In: *Revista Eletrônica de História do Brasil*, v. 8, n^o 1 e 2, jan.-dez., 2006.

bate local das ideais, avaliações, posições acerca do passado e do presente.

As palavras de um conjunto de homens e mulheres negros, trabalhadores dos postos de trabalhos que alavancaram o desenvolvimento da economia e possibilitaram a construção dos primeiros empreendimentos, assinalam a possibilidade de se compreender a maneira como esses sujeitos pensaram a construção de uma página importante desta região.

Como observa Norbet Elias sobre as transformações do comportamento humano, e parafraseando suas análises, percebi que os relatos das ações, da construção das condições de vida, dentre outros pontos, são também emblemáticos reflexos dos costumes desses sujeitos na região, além de testemunhos de um dado elenco de formas de comportamento e emoções na vida da própria sociedade em questão.³⁵

As conversas, as narrativas de sujeitos que vivem na região Central do Brasil revelam posições e visões de mundo marcadas pelas escolhas, leituras dos acontecimentos e da interlocução estabelecida no momento. As estratégias e táticas construídas para se posicionar destacam aspectos de sábia cautela e receio, que não deixam de expressar o quão desguarnecidos se encontram, mesmo sobre acontecimentos aparentemente distantes e desprovidos de sentido para os dias atuais.

Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. *Cartas a favor da escravidão*. São Paulo: Hedra, 2008.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *Parecer sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, ADPF/186, apresentada ao Supremo Tribunal Federal*. Retirado do sítio <http://fpa.org.br/conteudo/cotas-parecer-de-luis-felipe-de-alencastro>, em 14/06/2010.

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru-SP: Edusc, 1998.

BRANDÃO, Carlos A. *Triângulo: capital, comercial, geopolítica e agro-industrial*. Belo Horizonte, 1989. 188 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

CARMO, Luiz Carlos do. “*Função de preto*”: Trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG. 1945/1960. São Paulo: Dissertação de mestrado. PUC de São Paulo/SP, maio de 2000.

COSTA, Ana Paula P. Tecendo redes, construindo autoridade: notas preliminares acerca da formação de redes de reciprocidade entre oficiais dos corpos de auxiliares e de ordenanças e seus escravos”. In: *Revista Eletrônica de História do Brasil*, v. 8, nº 1 e 2, jan.-dez., 2006.

³⁵ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994. Vol. 1, p.75

- DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.
- ERNEST, Renan, *What is nation*. A lecture delivered at the Sorbonne, 11 March 1882. 'Qu'est-ce qu'une nation', Oeuvres Completes (Paris, 1947-61), vol. I, pp. 887-907. An earlier translation, which I have consulted, is in A. Zimmern (ed.), *Modern Political Doctrines* (London, 1939), pp. 186-205. Retirada do sitio http://www.coper.edu/humanities/core/hss3/e_renan.html, em 14/06/2010.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Infra-estrutura pública e movimento de capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho*. Belo Horizonte, 1990, 174 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizontes, 1990.
- HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, E. *Historia da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo: Global, 1982.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- MARTINS, Humberto E. de Paula. Formação e desenvolvimento sócio-econômico do Triângulo Mineiro. *Revista do Departamento de História*. Belo Horizonte, UFMG, Programa de Pós-graduação em História, FFCH, nº 19, p. 164-18, 1998.
- MARTIUS, C. F. von - Como se deve escrever a História do Brasil, publicado com O Estado de Direito entre os autóctones do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1982.
- MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- THOMPSON E. P. O Tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz T. da. (org.) *Por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre/RS: Ed. Artes Médicas, 1991.
- THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.
- WEBER, Max. *A ética protestante e aló-gica do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

Depoimentos

Depoimento da senhora Benedita Quirino, da cidade de Catalão, no dia 13 de julho de 2000.

Depoimento do senhor Francisco, popularmente conhecido como Tu, na cidade de Campina Verde, em 29 de setembro de 2003.

Submetido em: 28 de Julho de 2010

Aprovado em: 8 de Setembro, 2010

